

Testemunho: 20/40 – Memória, consolidação e futuro

Ana Cristina Santos



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/3561>

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Referência eletrónica

Ana Cristina Santos, « Testemunho: 20/40 – Memória, consolidação e futuro », *e-cadernos ces* [Online], 29 | 2018, colocado online no dia 15 junho 2018, consultado a 08 novembro 2018. URL : <http://journals.openedition.org/eces/3561>



Testemunhos

ANA CRISTINA SANTOS

20/40 – MEMÓRIA, CONSOLIDAÇÃO E FUTURO

O CES assinala 40 anos, o dobro dos anos em que o CES tem sido a minha casa. O desafio de falar sobre o que tem representado o CES ao longo do meu percurso, e o modo como essa relação se transformou ao longo do tempo, conduziu-me a um estado de ternura e gratidão que influencia necessariamente o modo como reconstruo agora essa memória.

Feita a ressalva, esta viagem em registo testemunhal começa no início da década de 1990. Recordo-me da primeira vez que entrei no CES, decorria o ano de 1994, munida de uma declaração passada por um professor da faculdade que assegurava a minha qualidade de estudante de Sociologia. Nesse tempo, o CES restringia-se a uma mão cheia de gabinetes com gente dedicada a projetos que já traduziam o futuro em que queria acreditar. De muitas formas tudo começa naquela tarde, pelas mãos da Lassaete Paiva, que me acolheu quando cheguei, curiosa, a um centro de investigação que tanto viria a marcar a minha vida académica e pessoal.

Poucos anos depois dessa primeira visita, comecei a trabalhar no CES como assistente de investigação, em 1998, a convite de Boaventura de Sousa Santos, na sequência do gosto que desenvolvi pelas suas aulas em Sociologia do Poder e da Política. Foram, para mim, as aulas com maior impacto pessoal e científico do curso, em especial uma sessão notável em que discutimos a despenalização do aborto, anos antes do primeiro referendo. Desse trabalho de proximidade com o Boaventura, que se prolongou até 2004, resultaram mais livros, encontros científicos e preparação de

candidaturas do que aquelas que conseguiria, com justiça, enumerar. Mas o marco principal desse meu período inicial no CES foi certamente o grande projeto “A reinvenção da emancipação social (RES)”, financiado pela Fundação MacArthur, entre 1999 e 2001, e que me integrou numa equipa de coordenação científica com colegas da África do Sul, Brasil, Colômbia, Índia, Moçambique e Portugal. Aprendi muitíssimo nestes anos e adquiri, de forma decisiva, a convicção de que era na investigação no CES o meu lugar no mundo. Durante o projeto “RES” mudei-me do piso 1 para o gabinete da entrada, no rés do chão, com a Sílvia Ferreira, quando a sala que partilhávamos com o Nuno Serra e a Cristina Cruz se dividiu em dois e o cortejo da Queima das Fitas, à terça-feira, nos brindava anualmente com episódios inenarráveis à nossa janela. Nesses anos, o espírito de comunidade era tremendo: os aniversários de cada um/a eram celebrados por todas/os, os almoços eram coletivos, participávamos de todos os seminários (que decorriam, primeiro, na sala do rés do chão e, depois, na velhinha biblioteca do piso 1), e as idas às conferências aconteceram muitas vezes através de parques recursos partilhados. Nascia assim, para mim, o CES como espaço de afetos.

Em 2004 começou uma nova etapa. Foi nesse ano que, internamente, passei à categoria de Investigadora do CES e recebi uma Bolsa de Doutoramento atribuída pela Universidade de Leeds, para o Doutoramento em Estudos de Género, na School of Sociology and Social Policy da Universidade de Leeds, que viria a concluir em 2008. Lembro-me da comoção da minha orientadora, Sasha Roseneil, quando o júri, no final da defesa, pronunciou “Awarded unconditionally” e de pensar que, também ali, estava o CES que sempre transportara comigo: na objetividade não neutra, na ciência-cidadã, no compromisso teimoso com lutas que não podem deixar de envolver uma academia que se pretende com e para as pessoas. Durante o tempo em que estive em Inglaterra, primeiro como doutoranda e depois como Research Fellow do Birkbeck Institute for Social Research, em Londres, a minha forte ligação ao CES manteve-se por via dos projetos de investigação em que me envolvi e de que destaco o “Reconstructing Human Rights through Transnational Legal Mobilization? Portugal and the European Court of Human Rights”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) entre 2007 e 2010, e coordenado pela Cecília MacDowell Santos.

Em 2010, a FCT atribuiu-me uma bolsa de pós-doutoramento, a desenvolver também no CES. Foi o momento certo para regressar a casa: a Portugal e ao CES. Estar de volta, sem em boa verdade ter deixado de estar aqui, representava uma oportunidade única de articular a prática de uma sociologia crítica com os desafios colocados por um contexto sociocultural em forte mudança no campo da cidadania íntima e sexual. Estávamos em 2010, e Portugal acabara de aprovar o casamento

entre pessoas do mesmo sexo, três anos depois de descriminalizar o aborto. Por tudo quanto aprendera no CES, principalmente por via de um longo trabalho intelectual e político com Boaventura de Sousa Santos, sabia ser aqui o lugar certo para fazer investigação na minha área.

Pouco tempo depois, em 2011, concorri para um lugar enquanto Investigadora Contratada, e desde então é nessa qualidade que desenvolvo o meu trabalho. Desde o início dessa nova etapa contratual muitas coisas aconteceram, que resultaram em novos desafios profissionais e responsabilidades científicas. Em 2012, juntamente com Sisay Alemahu, preparámos a candidatura da qual resultou um novo programa doutoral no CES. Com uma coordenação partilhada com Bruno Sena Martins, o programa Human Rights in Contemporary Societies foi financiado pela FCT desde o início, atraindo um número crescente de estudantes internacionais interessados em fazer aquele que, em 2013, era o único doutoramento interdisciplinar existente na área dos Direitos Humanos. Também em 2012 obtive, junto da FCT, o meu primeiro financiamento enquanto Investigadora Responsável, com o projeto “Intimidade e Deficiência: cidadania sexual e reprodutiva de mulheres com deficiência em Portugal”. Esse projeto representava já um resultado parcial daquilo a que me propus desenvolver no CES – um campo de estudos críticos em sexualidade a partir da Europa do Sul, que constituísse uma plataforma de formação e consolidação de saberes em torno do Género e LGBTQ.

Em 2014, um ano depois de estar em funções enquanto vice-presidente do Conselho Científico do CES para as questões relacionadas com investigação, teve início o projeto “INTIMATE – Citizenship, Care and Choice: The Micropolitics of Intimacy in Southern Europe”, resultante da atribuição de um financiamento de 1,4 milhões de Euros por parte do European Research Council, envolvendo equipas de investigação de Portugal, Espanha e Itália, a trabalhar sob minha coordenação até 2019. Tratou-se da primeira vez que o European Research Council atribuiu financiamento a investigação sobre temas LGBTQ em Portugal. Foi no contexto do INTIMATE que vimos crescer exponencialmente o interesse por parte de estudantes de doutoramento, investigadoras/es em início de carreira e em pós-doutoramento, em aprofundar a sua reflexão teórica na área das sexualidades, com um enfoque crescente em temas LGBTQ. Apesar de, até então, palavras-chave como lésbica, transgénero ou queer não constarem dos guiões de candidaturas de projetos no CES, foi no CES que encontrei espaço e incentivo para poder trilhar, com toda a liberdade conceptual, epistemológica e profissional, o caminho que tornou possível um projeto como o INTIMATE.

De alguma forma, sinto que, volvidos 20 anos, estamos sempre a respirar como no começo, com aquela vontade do futuro em que se quer acreditar. Neste momento, prepara-se o começo do novo projeto “CILIA – LGBTQ: Comparing Intersectional Life Course Inequalities amongst LGBTQ Citizens in Four European Countries”, financiado pela agência europeia NORFACE e resultante do trabalho realizado por um consórcio internacional, cuja equipa em Portugal irei coordenar de 2018 a 2021. Tal como sucedeu no INTIMATE, que criou seis novos postos de trabalho durante cinco anos, o CILIA-LGBTQ permitirá um maior investimento na formação de jovens investigadoras/es, com a consolidação de uma equipa de pessoas especialistas nesta área de estudos interdisciplinares.

Nos 20 anos que levo de trabalho no CES assisti a muitas transformações, sobretudo físicas, de relação com os espaços e com o alargamento dos recursos humanos, mas também de abertura a temas, quadros teóricos e metodológicos diversificados. O CES, hoje, é muitas coisas, tem muitos rostos, linhas de investigação distintas, caminhos conceptuais heterogéneos, feitos também das pessoas que nos acompanharam e que, por motivos profissionais ou pessoais, seguiram outros rumos. O CES que observo em 2018 é um centro de investigação profundamente interdisciplinar e internacionalizado, com uma linha de investigação consolidada em Género, Sexualidade e Deficiência criada em 2013, e que assume também uma importante componente de escola doutoral, com 12 programas em funcionamento, e vários projetos de tese em fase de conclusão sobre temas LGBTQ, além de uma vasta oferta de eventos científicos sobre temas tão diversos como as não monogamias ou a gestação de substituição. Aquilo a que carinhosamente fomos designando por “escola CES” – pela sua forma ímpar de fazer ciência, de reconhecer os lugares situados de onde sempre falamos, de incentivar métodos participativos e emancipatórios – está também a formar uma nova geração de investigadores/as em estudos de género e sexualidades, um grupo internacional com um enfoque no Sul da Europa e na América Latina, para quem o queer é uma epistemologia interseccional que confere visibilidade a corpos, espaços e afetos silenciados. A “escola CES” é matriz dos Estudos Críticos de Sexualidade que aqui se vêm desenvolvendo desde 2012, funcionando como plataforma para investigação sobre sexualidades nas áreas do design, dos estudos sobre deficiência e doença crónica, das migrações, do pós-colonialismo ou dos estudos sobre religião e espiritualidade, entre outras. Este encontro de saberes a partir das sexualidades não teria acontecido não fossem os estímulos ao pensamento dissidente tão presentes neste centro de excelência em Ciências Sociais e Humanidades.

Em suma, reconhecer as mudanças não significa perder a memória histórica que nos permite identificar o fio condutor dos lugares a que pertencemos, que nos interpelam, que não nos deixam ficar no sofá. E passadas duas décadas, para além de tudo o resto, o CES representa ainda um lugar de afetos que me recorda, a todos os momentos, que de facto o pessoal não pode nunca deixar de ser político e que, sim, é possível fazer ciência sem perder a convicção.

ANA CRISTINA SANTOS

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
Colégio de São Jerónimo, Largo D. Dinis, Apartado 3087, 3000-995 Coimbra, Portugal
Contacto: cristina@ces.uc.pt

HERMES AUGUSTO COSTA

NOTAS DE UM PERCURSO BIOGRÁFICO COM PARAGEM NO CES

Se os percursos de vida se fazem de envolvimento profissionais, pessoais e afetivos, então o Centro de Estudos Sociais (CES) ocupa certamente, na Universidade de Coimbra e nas comunidades científica nacional e internacional, um lugar de grande destaque em tais percursos. Nas seguintes notas dou conta, de forma necessariamente breve, de alguns momentos do meu percurso biográfico que tiveram (e têm) o CES como ponto de referência. Trata-se de um momento de merecida saudação ao CES por altura do seu 40.º aniversário e em que aproveito para realçar aspetos que considero terem sido marcantes na minha vida (e seguramente na de muitas outras pessoas, docentes, investigadores/as, estudantes, funcionários/as, colaboradores/as), como certamente nas dinâmicas de funcionamento de outras instituições, organizações sociais, movimentos, etc., nacionais e internacionais.

CONHECIMENTO DO CES E PERCEÇÃO DO *ESPRIT DE CORPS*

Sou mais velho do que o CES, mas o meu conhecimento do CES é mais novo. Na verdade, conheço o CES há 30 anos, quando, em 1988, vim estudar para o primeiro curso de Sociologia da Universidade de Coimbra, acolhido na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC). Apesar de o meu contacto inicial com os/as docentes e os/as investigadores/as do CES ter ocorrido essencialmente na FEUC (na altura, ainda num espaço de pavilhões pré-fabricados), logo em outubro de 1988, a “primeira fornada” de estudantes da nova Licenciatura em Sociologia foi recebida nas

instalações do CES, o “braço armado” da licenciatura. Era aí que os/as docentes do núcleo de sociologia da FEUC tinham gabinetes e recebiam estudantes da licenciatura. Aliás, foi no CES Alta (Colégio de São Jerónimo) e pontualmente também nas Faculdades de Letras, Medicina e Direito, que todo o segundo ano da licenciatura decorreu. O que, sem dúvida, tornou particularmente propícia a formação de um clima de grande cooperação e informalidade entre estudantes e investigadores/as, uns e outros de mais tenra idade e abrangendo projetos novos.

A minha primeira experiência profissional foi mesmo realizada no CES. Acabado de formar-me, em julho de 1993, e tendo já malas feitas para rumar a outras (incertas) paragens, ainda nesse mês recebi um telefonema – que na verdade foi um convite irrecusável – para me apresentar ao serviço em setembro desse mesmo ano, ao abrigo do projeto “O Estado e a sociedade civil: a criação de atores sociais num período de reconstituição do Estado” (projeto PCSH/SOC/310/92) de que fui bolseiro de investigação. E aí comecei a conhecer melhor os cantos à casa e a contactar mais de perto com o espírito de grupo criado no CES.

O CES SEMPRE A CRESCER

Qualquer comparação que se faça entre o CES em 1978 e o CES na atualidade é bem elucidativa do gigantesco crescimento da instituição: atualmente conta com mais de 800 pessoas na sua estrutura, entre investigadores/as, investigadores/as em pós-doutoramento, doutorandos/as, investigadores/as juniores e funcionários/as (segundo informação que consta da página oficial). De uma escala essencialmente nacional dos primeiros tempos, o CES transformou-se numa grande comunidade internacional. Mas a valorização de uma estratégia de broadening (tanto ao nível das perspetivas de análise, como do número de investigadores/as) não impediu que o CES cuidasse de uma estratégia de deepening, traduzida no aperfeiçoamento de linhas de investigação, na redefinição de grupos de pesquisa ou no reforço de temas estratégicos, como os diálogos Sul-Norte e Norte-Sul.

Talvez se tenha dissipado, é certo, o espírito informal, quase familiar, dos primeiros tempos de vida do CES que eu conheci (e que provavelmente ainda terão sido mais informais no momento da fundação). Talvez o CES seja hoje uma organização que, pela sua grandeza, permitiu que o estranho passasse a conviver com o íntimo, ainda que tal constatação não deva ser vista como uma crítica, apenas como uma consequência inevitável dos tempos e do próprio sucesso de um centro de investigação de referência.

ENVOLVIMENTO NOS ÓRGÃOS DE GESTÃO (ADMINISTRATIVA E CIENTÍFICA)

Um conhecimento mais circunstanciado da vida do CES passa também pela participação nos órgãos de gestão. Na verdade, ser eleito ou nomeado para tais lugares não terá constituído propriamente um desejo para a maioria dos que por lá passaram (entre os quais, confesso, me incluo), facto que, ao longo dos anos, suscitou debates internos sobre a crescente necessidade de profissionalização da estrutura administrativa. Mas participar em tais órgãos – como a Direção do CES (da qual fiz parte, entre 1997-1999 e entre 2005-2007) ou o Conselho Científico (de que fui vice-presidente, entre 2013 e 2015) – é um convite a conhecer melhor o CES “por dentro”, os seus problemas, dinâmicas e desafios. Além de um convite a um melhor conhecimento das regras, significa lidar com pessoas, indo ao encontro dos seus anseios, necessidades e expectativas. É uma forma de conhecer a “máquina” em funcionamento, os seus serviços de permanente apoio aos/às investigadores/as, com os seus recursos humanos e materiais, etc.

Ainda que, hoje em dia, o funcionamento das instituições de ensino e investigação seja muito marcado por um peso desmesurado do trabalho administrativo e burocrático, creio que um olhar sobre a componente científica da atividade de gestão se afigura certamente mais friendly. Nesse sentido, o papel dos núcleos de investigação do CES (que tive ocasião de coordenar por mais de uma década, primeiro no NETSIND, depois no POSTRADE) é revelador das sinergias que se podem potenciar e das linhas de pesquisa que o CES promove.

O CES ENQUANTO INSTITUIÇÃO DE REFERÊNCIA NACIONAL E INTERNACIONAL

São vários os fatores que concorrem para que a “marca” CES tenha logrado atingir grande notoriedade nacional e internacional. Embora tenha a noção de que a lista de fatores responsáveis pelo sucesso do CES que a seguir apresento é por certo bem maior, não posso deixar de mencionar aqueles/as que, em meu entender, fizeram e fazem a diferença: a liderança, o pensamento crítico, a investigação de excelência, a escola de formação e as pessoas.

LIDERANÇA FORTE

Uma premissa central que se ensina nas universidades é a de que não há organizações fortes sem lideranças fortes. Nesse sentido, Boaventura de Sousa Santos foi a verdadeira “locomotiva sociológica” (expressão que ouvi ser-lhe oportunamente atribuída por um congressista de entre as centenas presentes, no auditório principal da Fundação Calouste Gulbenkian, por altura do II Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia, em 1990) que sempre esteve e está presente

na vida coletiva do CES. Até hoje, foram tantos os momentos de demonstração de mentalidade distributiva por parte do seu fundador e atual Diretor Científico (no sentido de incentivar o fortalecimento do coletivo do CES), que seria necessário um espaço muito extenso para deles dar testemunho. Recordo apenas, nos últimos anos, o grande incentivo e injeção de motivação que imprimiu à comunidade CES, em especial durante os complicados anos de austeridade (menos favoráveis à investigação científica) e em fases de avaliação conturbadas por que passou a instituição.

REFERÊNCIA DE PENSAMENTO CRÍTICO

Num encontro de Sociologia em que fui orador convidado, no final de 2017, pude constatar que, ao mesmo tempo em que era apresentado como investigador do CES, via a minha pertença institucional ser igualmente associada a uma escola de pensamento alternativo. Com efeito, a formação transmitida e aprendida no contexto de seminários, colóquios, cursos de formação, conferências, projetos, serviços à comunidade, etc., organizados por investigadores/as do CES remete para conteúdos de pendor essencialmente crítico. O que significa que o conhecimento que se tem da realidade e a própria realidade em si mesma não pode aceitar-se passivamente. Distanciando-se do “pensamento único”, o CES apela à “irreverência” (solidamente construída no plano teórico, bem como empiricamente fundada), vertida na busca de alternativas, no sentido da construção de uma sociedade melhor, mais justa e inclusiva.

EXCELÊNCIA DA INVESTIGAÇÃO REALIZADA E SEU RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

Da mesma idade que o CES, a Revista Crítica de Ciências Sociais (RCCS) terá sido o primeiro grande output da investigação realizada no Centro. Após a conclusão da minha licenciatura (1993), foi aí que publiquei o meu primeiro artigo científico (em 1994), ao qual se seguiram muitos outros artigos e resenhas publicados nesse mesmo periódico. Além disso, por uma década (entre 2002 e 2012), tive o gosto de ser membro do Conselho de Redação de tão importante revista. Mas, de par com a RCCS, não posso deixar de aludir, desde 1988, à coleção de textos da Oficina do CES (que tive ocasião de coordenar entre 1997 e 1999), que provavelmente será, se não a mais duradoura, pelo menos das mais longevas coleções de working papers da comunidade científica portuguesa. Mas é claro que o crescimento do CES ditou também a diversificação das publicações do Centro (coleções de livros, e-cadernos CES, Cescontexto, Cabo dos Trabalhos, entre outras).

Além desta profusão de publicações abertas a toda a comunidade científica nacional e internacional, o que talvez hoje mais faça a diferença no CES são os

projetos de investigação nacionais e sobretudo internacionais em que os investigadores/as do CES participam e/ou que coordenam. Dois projetos coordenados pelo Diretor Científico do CES em que tive ocasião de participar e que mobilizaram uma proporção muito significativa da comunidade CES foram: entre 1996 e 1999, o projeto nacional “A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização: modernização económica, social e cultural”; entre 1999 e 2001, o projeto internacional comparado “Reinvesting Social Emancipation”. Além desses projetos, participei em mais dez, enquanto membro de equipa e em quatro, como coordenador. Mas o grande mérito do CES reside não só nas inúmeras redes e projetos internacionais em que os/as seus/suas investigadores/as participam, mas sobretudo nas seis bolsas do European Research Council que lhe conferem uma notoriedade internacional sem precedentes no domínio das ciências sociais em Portugal.

ESCOLA DE FORMAÇÃO

O CES não é uma unidade orgânica nem aspira a sê-lo. De outro modo, não seria um centro de investigação. Todavia, o centro de investigação não concentra o exclusivo das suas forças na investigação, mesmo que seja essa a sua missão principal. Ou seja, é um espaço de formação permanente, onde, além de cursos de verão e da organização de cursos de formação avançada sobre temas relacionados com a investigação que é feita pelos/as investigadores/as do CES, se vem consolidando uma “escola doutoral”. E, como não poderia deixar de ser, este desafio é feito em parceria com as várias unidades orgânicas, quer da Universidade de Coimbra, quer com outras universidades.

O papel do CES não passa, nem poderia passar, por se substituir às unidades orgânicas, tanto mais que é a estas – ou melhor, à Universidade de Coimbra – que cabe a atribuição de graus académicos. Mas, do mesmo modo que hoje as universidades estão a ser pressionadas para se converterem em research universities (o que constitui um teste ao seu futuro, já que é cada vez mais pronunciado o desequilíbrio entre ensino e investigação, mesmo quando estamos a falar de instituições de ensino), o CES soube antecipar-se enquanto escola de formação (teaching center) especializada na oferta letiva temática e interdisciplinar de 3.º ciclo. E ainda que o perfil dos públicos que frequentam os 12 programas doutorais que o CES desenvolve em parceria sejam muito diversificados, é muito significativo o número dos futuros doutores/as que assinala ter sido o CES a instituição principal que motivou a escolha do programa doutoral.

QUEM FAZ O CES SÃO AS PESSOAS

Deixei este aspeto para o fim, mas podia tê-lo referido em primeiro. Porque são as pessoas que dão vida às instituições, mesmo quando as primeiras têm de obedecer ao ritmo imposto pelas segundas. E, ao falar em pessoas, não estou apenas a elogiar todos os/as investigadores/as do CES, sejam os que trabalham em full time na instituição, os/as docentes das faculdades, os/as associados/as ou os/as investigadores/as em pós-doutoramento que passam temporadas no CES. Refiro-me, em grande medida, ao papel dos/as funcionários/as do CES (que no dia a dia “vestem a camisola” da instituição) e que são também parte da chave do seu sucesso. Na verdade, em distintos domínios – gestão de projetos, gabinete financeiro, tecnologias de informação (apoio informático), eventos, comunicação e imagem, apoio às publicações, biblioteca – são as pessoas que trabalham nesses serviços que tornam o CES mais forte. Pelos alertas que lançam, pelos documentos que enviam, pelos lembretes que mandam, pelas sugestões e apoio técnico que dão na preparação de candidaturas ou na recolha bibliográfica, etc., etc., são essas pessoas que dão vida ao CES.

O CES... UMA REFERÊNCIA PARA O FUTURO

Nesta breve retrospectiva paralela entre o trajeto do CES e o meu trajeto profissional foi certamente muito mais o que omiti do que o que mencionei. Apenas quis assinalar que o passado do CES fala por si. E falar desse passado é dar conta de um trajeto de crescente afirmação, inclusão, diversidade, interdisciplinaridade, espírito crítico, excelência, internacionalização.

O CES é de todos/as os/as seus/suas investigadores/as, existindo, por isso, para os servir e sempre em respeito pela autonomia da investigação de cada um/a. Estou, pois, convicto de que a grande teia de contactos, interações, redes propiciadas pelo CES ou de que o CES faz parte abre um horizonte de oportunidades emergentes a que importará dar sequência. Por sinal, num contexto porventura cada vez mais desafiante e marcado pela contínua busca de mais “financiamentos competitivos” (como hoje se diz).

Quando, na minha outra “casa” – afinal aquela com a qual tenho uma relação contratual (a FEUC) e que me leva a classificar a minha pertença institucional como FEUC-CES ou como CES-FEUC – ouço (não raras vezes) comentários de outros colegas (não investigadores do CES) – do estilo “Ah, mas vocês têm o CES” –, o que depreendo deles é um sinal de elogio e reconhecimento do carácter distintivo do CES. Mesmo que tais comentários não devam servir de pretexto para relaxamento de qualquer tipo (ou não fosse o futuro sempre incerto), eles são, no mínimo,

demonstrativos de que o CES continuará a ser uma referência para o futuro da ciência crítica e cidadã, em Portugal e no mundo.

HERMES AUGUSTO COSTA

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra | Faculdade de Economia da
Universidade de Coimbra
Colégio de São Jerónimo, Largo D. Dinis, Apartado 3087, 3000-995 Coimbra, Portugal
Contacto: hermes@fe.uc.pt

